FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 26/06/2022 - 05:59

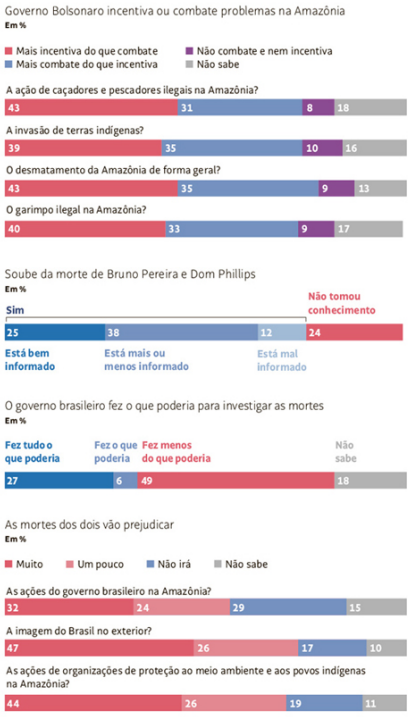
Para 4 em 10, governo incita ilegalidade na Amazônia

4 em 10 brasileiros veem incentivo de Bolsonaro a ilegalidade na Amazônia

Pesquisa Datafolha mostra também que 49% dizem que governo fez menos do que poderia para investigar assassinatos de Bruno e Dom

Joelmir Tavares

4 em 10 veem incentivo de Bolsonaro a ilegalidades na Amazônia



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

SÃO PAULO Aproximadamente 4 em cada 10 brasileiros pensam que o governo de Jair Bolsonaro (PL) mais incentiva do que combate ilegalidades na Amazônia, como a ação de caçadores e pescadores irregulares, a invasão de terras indígenas, o desmatamento e o garimpo clandestino — questões evidenciadas pelos assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips neste mês.

Pesquisa Datafolha feita na quarta (22) e quinta-feira (23) mostrou que fica entre 39% e 43% a parcela da população que vê sob o atual presidente uma política mais de estímulo do que de enfrentamento aos quatro problemas. A gestão Bolsonaro é criticada pelo desmonte de órgãos e falta de ações na região.

Por outro lado, um percentual que vai de 31% a 35% avalia o oposto em relação aos tópicos do questionário. São cerca de 3 em cada 10 pessoas que acham que o governo mais combate do que incentiva a criminalidade no território amazônico em geral e nas comunidades indígenas.

A parcela neutra, dos que afirmam que Bolsonaro não fomenta nem reprime os crimes, oscila entre 8% e 10%, e os que não sabem opinar sobre os tópicos correspondem a algo entre 13% e 18%.

O Datafolha ouviu 2.556 pessoas acima dos 16 anos em 181 cidades. A margem de erro da pesquisa, contratada pela **Folha** e registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o número 09088/2022, é de dois pontos percentuais para mais ou menos.

Responsável por mais um abalo na reputação do governo no tocante à política ambiental, o caso de Bruno e Dom chegou ao conhecimento de 76% dos entrevistados. Nesse grupo, 25% se dizem bem informados sobre o episódio, 38% o conhecem parcialmente e 12% se consideram mal informados.

No total, 24% respondem que não souberam do desaparecimento e morte do funcionário licenciado da Funai (Fundação Nacional do Índio) e do repórter britânico no Vale do Javari (AM), apesar da intensa cobertura noticiosa no Brasil e no exterior e da repercussão em redes sociais.

Parte das ameaças ao ambiente e às comunidades da área tem sido denunciada por entidades como a Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari), para a qual Bruno trabalhava como assessor depois de ter sido retirado, no governo Bolsonaro, da seção da Funai que cuida de povos isolados.

Em entrevista à **Folha** 44 dias antes de desaparecer durante uma incursão na floresta ao lado de Dom, o indigenista disse que proteger aquele ecossistema estava "difícil, cansativo, perigoso" e associou Bolsonaro e o atual comando da Funai ao que chamou de "administração do caos".

Só nos cinco primeiros meses de 2022, a floresta amazônica perdeu 3.360 km² por causa do desmatamento, maior valor registrado para o período em 15 anos de monitoramento do Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia).

Bolsonaro defende garimpos em terras indígenas e preservadas desde antes de assumir o Palácio do Planalto. Em 2018, ele prometeu que, em seu mandato, não haveria demarcações. Declarou também que daria uma "foiçada na Funai, mas uma foiçada no pescoço".

Segundo colocado na corrida eleitoral, com 28% das intenções de voto no primeiro turno — o líder, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tem 47% —, Bolsonaro tem seu governo reprovado por 47% da população.

O cruzamento de dados da pesquisa permite ver que, como esperado, a parcela de brasileiros que eximem o atual presidente de responsabilidade sobre a disparada de crimes contra o ambiente e os povos indígenas é maior entre os que declaram voto nele e avaliam sua gestão como positiva.

Enquanto, por exemplo, 35% na média geral acham que Bolsonaro mais combate do que incentiva o desmatamento da Amazônia, entre seus eleitores o índice quase dobra, chegando a 65%.

Movimento semelhante ocorre entre os que veem o presidente mais como opositor do que como incitador da invasão de terras indígenas. No quadro mais amplo, 35% têm essa opinião favorável ao mandatário, mas, entre os que consideram seu governo ótimo ou bom, o percentual salta para 63%.

Já eleitores de Lula e entrevistados que reprovam a administração Bolsonaro são majoritariamente da opinião de que o presidente atua mais como um estimulador do que como inimigo dos quatro tipos de irregularidades mencionados no levantamento.

A investigação do caso, a cargo da Polícia Federal e da Polícia Civil do Amazonas, já prendeu três homens suspeitos e busca identificar eventuais mandantes.

Segundo a opinião de 49% dos brasileiros, o governo fez menos do que poderia para investigar os assassinatos de Bruno e Dom.

O levantamento revela ainda que 27% dos entrevistados pensam o inverso, ou seja, acreditam que o governo fez tudo o que poderia para ajudar a esclarecer o caso.

Para 6%, o governo fez o que poderia (nem a mais nem a menos); 18% dizem não saber opinar sobre a questão.

A gestão Bolsonaro foi criticada não só por minimizar inicialmente a gravidade do episódio no Amazonas, mas também pela mobilização tímida nas buscas quando ainda se tratava de desaparecimento.

Bolsonaro evitou enquanto pôde se vincular ao caso. Instado a se manifestar, deu declarações sugerindo já supor que os dois tinham sido mortos. Também chegou a transferir a culpa para as vítimas, dizendo que estavam fazendo uma "aventura não recomendada".

Continua na pág. A6

4 em 10 brasileiros veem incentivo de Bolsonaro a ilegalidade na Amazônia

Continuação da pág. A4

Cercado por críticas no Brasil e no exterior, o chefe do Executivo defendeu o governo cinco dias depois do sumiço. Durante viagem aos Estados Unidos para a Cúpula das Américas, disse que as Forças Armadas e a Polícia Federal estavam se destacando "na busca incansável para alcançar essas pessoas".

Na ocasião, o ministro da Justiça, Anderson Torres, disse a representantes do Reino Unido e dos EUA que ao menos R$ 500 mil já tinham sido gastos na investigação e buscas.

Em meio às buscas pelas duas vítimas, Bolsonaro disse que Dom "era malvisto na região" porque fazia reportagens contra garimpeiros e sobre questões ambientais, mas não anunciou medidas para reduzir e fiscalizar os problemas que ele apontou serem objeto do trabalho do repórter.

O jornalista escrevia um livro sobre a Amazônia e contava com a ajuda de Pereira nas apurações.

Protesto com indígenas em SP pede justiça no caso das mortes de Bruno e Dom Carla Carniel - 23.jun.2022/Reuters

47% dizem que crime vai prejudicar muito imagem no exterior

Na avaliação de 47% da população, os assassinatos do indigenista e do jornalista vão prejudicar severamente a imagem do Brasil no exterior.

A pesquisa mostra ainda que 26% acham que o episódio afetará só um pouco a reputação do país, enquanto 17% dizem não ver prejuízo e 10% não sabem opinar. O instituto também perguntou sobre o impacto do crime em outras duas frentes.

Sobre a interferência que o caso terá nas ações de organizações de proteção ao ambiente e aos povos indígenas na Amazônia, a percepção de 44% é que os reflexos das mortes vão prejudicar muito essas iniciativas; 26% acham que prejuízos serão poucos. Outros 19% não veem repercussão, e 11% não sabem.

Questionados sobre as consequências nas ações do governo na Amazônia, 32% afirmam que os homicídios vão prejudicar muito, e 24% acham que pouco. Uma fatia de 29% não considera haver perda, e 15% não opinam.

As perguntas sobre a corrida presidencial mostraram cenário estável para Bolsonaro em relação à rodada anterior, apesar dos desgastes em seu governo —além da comoção em torno dos assassinatos na Amazônia, a crise econômica segue no colo do presidente.

Ele marcou 28% de intenções de voto (eram 27% em maio, ou seja, oscilação dentro da margem de erro), enquanto Lula tem 47% (eram 48% um mês atrás).

A avaliação de que as mortes de Bruno e Dom não irão prejudicar o Brasil em nenhum dos três aspectos sondados pelo Datafolha é significativamente superior entre aqueles entrevistados que declaram voto no atual mandatário.

Isso indica uma sintonia entre eles e o discurso do postulante à reeleição. Entre os que têm Bolsonaro como favorito na urna, 49% acham que o caso não trará prejuízo às ações do governo na Amazônia.

O mesmo ocorre no grupo que vê o governo dele como ótimo ou bom, que na população geral corresponde a 26%. Dentro da camada bolsonarista, o percentual dos que descartam qualquer impacto negativo dos homicídios é mais alto do que a média.

Uma parcela de 40% dos eleitores do presidente diz que as mortes não vão prejudicar as iniciativas de entidades ambientais e indígenas.

O estrago à imagem do país na cada dia mais relevante pauta da proteção ambiental ficou nítido ainda durante o desenrolar das buscas pelo indigenista e pelo jornalista. Os corpos foram localizados dez dias depois.

Entidades como o Alto Comissariado para Direitos Humanos da ONU, a embaixada do Reino Unido e organizações da sociedade civil brasileira fizeram apelos por maior empenho do governo.

No Reino Unido, terra natal de Dom, que morava no Brasil havia 15 anos, o primeiro-ministro Boris Johnson mencionou o caso durante um discurso ao Parlamento, ainda antes da confirmação das mortes, e disse que as autoridades locais estavam "profundamente preocupadas" com a situação.

Uma evidência de que o episódio piora o já deteriorado conceito do Brasil no exterior foi a publicação de reportagens a respeito do tema na mídia estrangeira com tendência de tom negativo.

Diplomatas enxergam o fato como o de maior potencial de dano à imagem brasileira dos últimos anos, conforme noticiou o Painel, a partir de relatos de membros do Ministério das Relações Exteriores.

O porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Ned Price, pediu que o governo brasileiro dê explicações sobre as mortes e mencionou o fato de que uma das vítimas é jornalista, o que sinaliza riscos à liberdade de imprensa no território nacional.

A gestão Bolsonaro é criticada pelo desmonte de órgãos ambientais e pela falta de ações na região amazônica, ao mesmo tempo em que sustenta o discurso de que a defesa da floresta cabe unicamente ao Brasil e que outros países não devem se meter no assunto, sob risco de ameaça à soberania nacional.

O presidente difunde mensagem de oposição à atuação na Amazônia de ONGs, ativistas e até mesmo órgãos de Estado.

Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente até 2021, ficou conhecido por frase que acabou resumindo sua agenda de afrouxamento da legislação ambiental. Sua proposta era aproveitar a atenção dada pela imprensa à pandemia para "ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Pagina:** 4 e 6

Copyright © Clipclap 2025.